

A INTERCULTURALIDADE NO EDUCAR: POR UMA *PEDAGOGIA DO FUXICO*

Miguel Almir Lima de Araújo

Professor de Pós-Graduação do Programa Desenho Cultura e Interatividade
Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS
E-mail: malmir2@gmail.com

*De minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no universo
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer.*
Fernando Pessoa

*É no encontro com seu passado que um grupo humano
encontra energia para enfrentar seu presente e preparar o futuro.*
Edgar Morin

RESUMO

Compreendo diversidade cultural como expressão de pluralidade, de fluxos tensoriais; interculturalidade como possibilidade da trama de relações in-tensivas de interligação entre as culturas; educar como “rito de iniciação” aos valores e Sentidos humanos primordiais. Apresento o horizonte de uma *Pedagogia do Fuxico* como expressão da interculturalidade no educar mediante o dinamismo da metáfora do Fuxico que se traduz como entrelace in-tensivo da policromia e da polissemia do *ethos* vivido/vivente dos povos sertânicos e que potencializa ações educativas inspiradas na singularidade e na diversidade cultural de seus protagonistas; que promove interligação e complementaridade entre os símbolos das tradições culturais no compartilhamento in-tensivo dos Sentidos humanos primordiais.

Palavras-chave: Diversidade – Interculturalidade – Pedagogia do Fuxico.

ABSTRACT

I understand cultural diversity as the expression of plurality, of tension flows; intercultural relations as a web of in-tensive relations of inter-connection among cultures; educate as an “initiation rite” into primordial human values and Senses. I present the horizon of what I call *Patchwork Pedagogy* as the expression of intercultural relation in the art of educating by means of the dynamism of the Patchwork metaphor, which can be translated as in-tensive interweave of polychrome and polysemy of lived/living *ethos* of the rural people and that enables educational actions inspired in the cultural diversity of their protagonists; which promotes inter-connection and complementation among the symbols of cultural traditions in the sharing of primordial human Senses.

Key-words: Cultural tradition – Intercultural relations – Patchwork Pedagogy.

Diversidade cultural e interculturalidade

A abertura e a expansão da consciência e da sensibilidade humana para a compreensão e a vivência do fenômeno da diversidade cultural e da interculturalidade no mundo, em suas proporções singulares, parece estar sendo uma das perspectivas mais relevantes de contribuição nos desafios dos processos de uma suposta regeneração e re-humanização do planeta terra. Na proporção em que nos dis-pomos a compreender os valores e Sentidos próprios de cada tradição cultural, podemos compreender melhor a singularidade de nossa própria tradição, a nós mesmos. Podemos compreender, sobretudo, como podemos nos enriquecer mutuamente na medida em que tecemos relações dialógicas de acolhimento e de entrecruzamento com as expressões da alteridade de diferentes tradições culturais, mediante os desafios do ser-sendo-com.

Diversidade vem de *diversus* e conota desafio entre diversos, fluxo tensorial entre diferentes, divergência entre múltiplos. Traduz um “movimento que advém da luta” (BERNARD, 2005, p. 75). Supõe, intrinsecamente, encontros tensivos entre pessoas e grupos diferenciados; “fricção interétnica” como condição e estado que potencializa relações de inclusão e de interligação entre estes diversos mediante a difícil postura de abertura e de despojamento que implica na possibilidade das trocas dialógicas, no acolhimento da alteridade. Esse acolhimento pode incidir em crescimentos e

compartilhamentos mútuos, se os desafios inerentes aos contatos com as diferenças forem canalizados de forma simpática e altruísta. Porém, se essas fricções e tensões entre os diversos não forem conduzidas com desprendimento e disposição dialógica os influxos das relações interpessoais e intergrupais podem levar a posturas excludentes que implicam em isolamento, intolerância e segregação.

Diversidade cultural revela, portanto, a expressão da in-tensidade, do dinamismo e da polifonia dos fenômenos culturais, em sua complexidade e em seus tons mais diferenciados, mediante os fluxos tensoriais que os impulsionam; traduz as contradições, as tensões, dobras e torções que dão plasticidade a esse dinamismo e que podem fomentar os encontros e dialogias entre os diversos. Utilizo as expressões in-tensidade e in-tensivo marcadas com o hífen com o propósito de realçar a presença constante de uma tensão interna inerente aos fazeres humanos e que nos move e impulsiona aos desafios.

O reconhecimento da diferença, afirma, tanto a legitimidade da diferença dos outros, como da nossa própria diferença. Esse reconhecimento dispõe o espírito de abertura para o surgimento de laços de interligação com os outros. Laços que incidem nos riscos dos compartilhamentos in-tensivos de saberes e de sentires, em processos que podem compelir à fraternização através da interpenetração e dos cruzamentos que nos engrandecem como seres humanos na celebração dos valores primordiais da paz, da solidariedade, da amorosidade, do bem e do belo. Só podemos compartilhar, nos solidarizar, nos expandir e nos humanizar com mais amplitude, mediante os fluxos de relações entre os diversos, mediante o dinamismo da diversidade cultural como fenômeno constitutivo das culturas.

Estes são desafios tão difíceis quanto grandiosos que supõem espíritos despojados e abertos para que possamos tecer a urdidura das teias in-tensivas de relações que entrelaçam as culturas humanas, o inter-humano. São conflitos que, se bem conduzidos, podem ser traduzidos em dores de parto que fazem despontar o novo em sua feição humanizante.

Enquanto estivermos guetificados em nossos nichos culturais considerando que somos o umbigo do mundo, imbuídos do sentimento de exclusividade e de insegurança para com as searas dos desafios que as relações com as alteridades nos interpõem; enquanto estivermos com os braços ensimesmados e atados em nós mesmos, não poderemos nos abrir para abraçar os outros, para compartilhar as angústias e inquietudes, as dores e os prazeres que, nos seus modos mais diversificados, constituem nossos existires como humanos, como diferentes e semelhantes, protagonistas da raça humana. Enquanto estivermos aprisionados em nossas ideologias fundamentalistas e imediatistas que nos

isolam e amesquinham, não conseguiremos projetar valores e utopias mais largos que incluem as diferenças, as alteridades, na sedimentação de ações altruístas, solidárias e fraternas - considerando as diferenças inerentes às nossas próprias idiossincrasias na complexidade do ser uno e múltiplo de cada um de nós.

Parece que cada vez se torna um pouco mais compreensível e ingente a relevância do cuidado com a diversidade cultural, com a interculturalidade. A nossa própria condição biológica já traduz a presença da diversidade desde os nutrientes que carecemos para nos mantermos sadios, da existência dos órgãos diferenciados e complementares que formam o corpo etc. Somos seres bioculturalmente imbuídos de diversidade e de unidade – a *unitas multiplex*. É mediante o dinamismo do movimento, dos deslocamentos, que se insurgem os interfluxos entre a unidade e a multiplicidade que nos constituem; que a vida se processa, se projeta e se afirma; que ex-istimos e in-sistimos. O reconhecimento da diversidade cultural e a implicação com esta, com a biodiversidade, proporciona uma compreensão e uma postura espirituosa e ativa que nos implica com os valores primordiais da unidade e da diversidade da humanidade, na busca de processos de (eco)fraternização. Valores primordiais que, no matiz peculiar de cada diferença, ressoam fundo na alma e no coração de cada um de nós, tão distintos e tão semelhantes: a paz, a fraternidade, a liberdade, a dignidade, a amorosidade, a equidade, a beleza...

Somos diversos, diferentes, mas somos também semelhantes na condição de sermos e de co-pertencermos à mesma raça humana. Creio que é, sobretudo, essa condição ontológica de semelhança e de diferença que nos impulsiona, que nos dis-põe intensivamente para as possibilidades de encontros e de compartilhamentos com os outros, para os processos de co-aprendência e de coexistência. Nos manifestamos através das mais diversificadas e ricas formas de expressão cultural, mas, em todas elas traduzimos nossas pequenezas e grandezas, nossas fragilidades e forças, nossos desejos mais fundos de seres humanos através de nossas potencialidades sensíveis e inteligíveis, da expressão das intensidades do corpo e do espírito, da razão e da emoção. Dessa forma, podemos vislumbrar, em nossa condição estruturante, em nossas dimensões imponderáveis, o cuidado com os valores que nos dignificam e nos tornam mais humanos, que embelezam nossa existência e nossa coexistência.

De modo geral, considerando os fluxos do dinamismo que compelem as diversas tradições culturais, nas teias de relações mais visíveis e invisíveis que atravessam as redes das culturas, as expressões culturais mais específicas, em maiores ou menores proporções, são tingidas pela presença da interculturalidade. Podemos constatar isso, sobretudo, nas

últimas décadas com surgimento dos fenômenos da globalização através da sofisticação dos recursos e processos comunicacionais planetários, com as redes virtuais e sociais etc. Salvo as situações extremas, se é que elas existem, os diversos grupamentos humanos nestes tempos globalizados, estão implicados através dos vários modos de intercâmbios, com maior ou menor proximidade, pelas diferentes formas de relações interculturais. Os lugares em que habitamos se configuram como entre-lugares (BHABHA, 2003) em que, consciente ou inconscientemente, nos entrecruzamos com os mais diversos modos de ser e de estar sendo-no-mundo, com os tons e entretons que compõem a policromia das redes simbólicas que plasmam a plasticidade das diversas tradições culturais, dos diversos lugares contextuais.

Dessa forma, nos constituímos como seres das encruzilhadas. Assim, nesses cruzamentos, podemos compartilhar com os outros os repertórios de valores, idéias e crenças que nos estruturam humanamente. O dinamismo da interculturalidade revela nossa condição de seres híbridos, matizados pela polifonia da diversidade de valores e de Sentidos que perfazem nosso existir e co-existir. Porém, na constituição dessa teia, co-participamos como indivíduos e grupos com o contorno e a fisionomia de nossa singularidade, de nossos modos próprios de fruir e de tecer a vida, de trilhar o ondear de nossas aventuras e sagas.

Panikkar (2002, p. 53) afirma que “la interculturalidad nos revela nuestros propios límites, nos enseña la tolerancia y nos muestra la contingencia de la condición humana”, nos proporciona a compreensão de que somos todos seres interdependentes e, assim, podemos nos complementar uns com os outros mediante os desafios dos interfluxos de nossas singularidades e diversidades.

Sabemos que, nos interstícios das tentativas de relações interculturais, estão presentes formas de poderes políticos que, muitas vezes, implicam em relações de subordinação e de dominação. Diante das estruturas dos poderes instituídos marcados por posturas autoritárias e excludentes, nos trâmites das relações entre países, ou até entre grupos dentro de um mesmo país, constantemente ocorrem posturas colonialistas e fundamentalistas que tendem a obstruir as possibilidades de contatos e vínculos dialógicos e complementares entre os diversos. Essas ações implicam em intolerância e subjugação com a imposição de valores e idéias de um grupo ou país sobre outros como pretensas verdades únicas e inquestionáveis. Os processos de globalização instituídos – processos *globalitários*, na expressão lúcida de Milton Santos – traduzem com evidência essa perspectiva em que alguns países ou grupos pretendem homogeneizar e unifomizar

algumas culturas para melhor dominá-las. Porém, como também já aventamos, mesmo nesses contextos, os processos de resistência tendem a eclodir, as vozes dissonantes das diferenças tendem a se rebelar.

Considero fundamental para toda cultura local que não pretende se insular em si mesma, o estado deliberado de dis-posição, de abertura para a busca de relações dialógicas com as expressões de outras tradições culturais, de outras localidades, tanto para seu próprio fortalecimento e expansão, quanto para a busca de relações de compartilhamento e de aprendizagens com as alteridades. Como enunciei, sabemos que toda expressão chamada de global emerge de algum (ou de alguns) local, e que todo local é marcado, de algum modo, pelo suposto global, por repertórios de expressões consideradas mais universais, no dinamismo que plasma as teias diversificadas das culturas. O que me parece ser bastante relevante é esse estado de abertura crítica, dialógica e sensível para os fluxos dos entrelaces, para as sinergias que enriquecem mutuamente os protagonistas das relações interculturais, vislumbrando a afirmação da singularidade e da diversidade das expressões humanas, de nossa condição de seres interdependentes, na magnitude da dignidade e da boniteza da condição humana, com suas fragilidades e potencialidades.

Nesse horizonte compreensivo, urge cuidarmos dessa relação de interpenetração de forma crítico-criadora entre o local e o global, na dinamização do estado *glocal* em que ambas as dimensões protagonizam, dialógica e in-tensivamente, a policromia das teias das culturas, da possível coexistência intercultural.

Para Fornet-Betancourt (2001, p. 256 e 257), a interculturalidade se processa desde

una praxis de vida concreta en la que se cultiva precisamente la relación con el otro de una manera envolvente, es decir, no limitada a la posible comunicación racional a través de conceptos sino asentada más bien en el dejarse ‘afectar’, ‘tocar’, ‘impresionar’ por el otro en el trato diario de nuestra vida cotidiana.

Implica em nossa dis-posição, na abertura interna de nossas estruturas psíquicas para cuidar das relações de simpatia e de empatia para conosco mesmos e para com os outros, para com o dinamismo dos fluxos tensoriais do ser-sendo-com-os-outros, na sedimentação de processos de co-aprendências e de compartilhamentos em nosso viver cotidiano.

A interculturalidade se configura na imagem de uma encruzilhada em que as diversas veredas culturais se estranham e se entrecruzam, se conflituam e se interligam, podendo estas, assim, se expandir e se enriquecer mutuamente. A interculturalidade resvala no entramado do transcultural na proporção em que fomenta o dinamismo do trânsito que

se processa nos entre-lugares através das relações entre as diversas formas de expressão cultural. Desse modo, as tradições culturais se tensionam, se atravessam e se entrecruzam. Assim, vão além de si mesmas se expandindo e se fortalecendo mutuamente fazendo despontar a perspectiva das relações de sinergia e de entrelaces interculturais. Relações que se plasmam mediante a expressão anímica dos valores fundos e vastos que compõem a complexidade e a polifonia da condição humana, em nosso pertencimento singular e em co-pertencimento à humanidade.

As tradições culturais dos Sertões

*Sertão (...) tua beleza é tanta
Qui o poeta canta, canta
E inda fica o qui cantá.*

Patativa do Assaré

Sertão é isto, o senhor sabe: tudo incerto, tudo certo.

Guimarães Rosa

As meditações que ora explicito inspiram-se em minhas vivências, desde sempre, nos torrões dos Sertões, bem como, em processos sistemáticos de pesquisa que desenvolvo acerca da temática por essas searas.

Os Sertões que constituem, sobretudo, grande parte do Nordeste brasileiro (também incluindo o Norte de Minas Gerais) se configuram mediante sua geografia fortemente marcada por condições climáticas adversas em que predomina as estações de seca traduzidas no calor impiedoso de sua temperatura, na aridez de seu solo, na agrestia de sua vegetação, bem como, nas condições de desolação que afetam a maioria de sua população. Nas esferas sócio-político-econômicas predominam estruturas de poderes instituídos que privilegiam a minoria de sua população em detrimento das condições condignas de

qualidade de vida da grande maioria. Essas estruturas revelam processos perversos de dominação política (velhos e novos coronelismos), de uma intensa concentração de renda e de exclusão social que relega essa maioria da população às condições mínimas e bastante depauperadas de cidadania (de *terrânia* - povos da terra) e de dignidade humana.

Porém, considerando o horizonte do paradoxal que perfaz o humano, no campo das tradições culturais, dos modos coletivos de entretecer suas lides, os povos desses rincões sertânicos revelam seu espírito ativo de resistência, de engenhosidade e de labuta através dos tesouros extraordinários das mais diversas manifestações que constituem o cotidiano de suas sagas, de suas vidas. Nas mais variadas paragens dos Sertões, os sertanejos tocam e celebram suas vidas através das mais diversificadas manifestações: Reisado/Folia de Reis, Cordel, Bumba-meu-boi/Bumba-boi, Repente, Cantiga de Roda, Celebração de São João (quadrilha, forró, fogueira...), Rezas, Mutirões, Sambas, Pau de fita/Trança fita, Burrinha, Bandas de Pífanos, Chulas, Batas de feijão e de milho etc.

Essas múltiplas formas de manifestações tradicionais são realizadas pelos sertanejos em momentos diferenciados de seus cotidianos como nos festejos tradicionais do São João, no mês de junho, em festas religiosas (padroeiro, novenas, rezas etc.), em tempos de plantação e de colheita, em mutirões, nas comemorações dos Santos Reis, no mês de janeiro, em momentos específicos de celebração da vida etc. Estas manifestações e celebrações estão presentes nos diversos rincões dos Sertões. Porém, estas apresentam variações nas formas específicas do dançar, do cantar etc, na expressão peculiar de seus ritmos e tons traduzindo a riqueza das semelhanças e das diferenças de cada recanto, de cada comunidade.

As manifestações das tradições culturais dos Sertões se configuram como formas expressivas de celebração da vida em que estes povos compartilham suas crenças e valores, seus sentires e cosmovisões, suas dores e prazeres, suas angústias e satisfações, as agruras da sina dura, as labutas travadas nos desafios afiados de suas sagas agrídoces. Elas fortalecem a fibra e as energias humanas na trajetória das lides dessa gente. Assim, esses povos vadeiam nas folias de encantação; afirmam sua auto-estima. São rituais que acontecem de modo coletivo e que afirmam e fortalecem os laços de amizade e de solidariedade, que realçam os matizes do dinamismo de suas identidades culturais.

A vastidão da imagem que jorra da palavra Sertão traduz um horizonte de cruzamentos, de encruzilhadas e texturas mestiças, de estampas multicores. Sertão ressoa ser tão intenso, ser de imensidão e de funduras sem fim, desmesuradas. Sertão desborda

enigmas insondáveis, confins de desvãos incontornáveis, de larguezas e de lonjuras sem eiras nem beiras, de veredas tortas, de sabores agrídoces, de brenhas e de ermos abissais.

Sertão é um não-lugar, um des-lugar, um entre-lugar, um lugar in-certo e vesgo, côncavo e convexo, em que se descortina o tempo cíclico dos fluxos rítmicos do sol e da lua; em que se precipitam vidas de seres bravios e bandoleiros, mansos e festeiros. O Sertão se faz de recônditos braseiros, de voragens; de encruzilhadas em que se esparramam errâncias e *itinerrâncias* desgrenhadas.

Para os sertanejos, a presença intensiva das manifestações de suas tradições culturais proporciona vivacidade e contenteza ao cotidiano de suas sagas. Em prosas realizadas com estes em muitos rincões, escutei falas que afirmam serem estas expressões tradutoras do “prazer e a alegria de viver”, da “celebração da vida”, da “animação que dá sentido à labuta”, da “nossa cultura, da cultura de nossa gente”, da “alma dos sertanejos”, das “nossas raízes”. Essas manifestações apresentam e representam, assim, a seiva das raízes moventes que dão firmeza e vigor ao cotidiano de suas vidas; compõem a identidade viva que afirma o sentimento de pertencimento e de co-pertencimento a suas comunidades sertânicas e ao mundo; implicam no cultivo do estar-juntos, no compartilhar os sentimentos mais intensos e enraizados nos desvãos da alma, que os nutrem e animam nas sagas dos desafios e agruras das sinas.

As manifestações dessas tradições culturais emergem das dimensões mais fundas de cada ser e animam a coexistência entre o corpo e o espírito. Desse modo, os sertanejos dançam e recitam, brincam e cantam nas celebrações das proezas de seu viver renovando-o permanentemente. São rituais de re-atualização e de re-encantação da vida, da relação de cada um consigo mesmo, com os outros e com o mundo. São a cepa, a fonte inesgotável e renovável que os revigora nas curvas das andanças e pelejas.

O renascimento das tradições culturais dos Sertões

A presença das manifestações que constituem o caldo vigoroso dessas tradições culturais sertânicas, da identidade cultural dessa gente, emerge cada vez com certa intensidade nos circuitos da vivência cotidiana de nossas culturas. Expressões que até há pouco tempo eram consideradas como “cafonas”, “residuais”, “ultrapassadas”, “atrasadas”, em processos de extinção como as Cantigas de Roda, o Bumba-meu-boi, o Reisado, o Repente, o Cordel, as folias de São João, o Artesanato (Fuxico etc.) etc., a despeito, e

também por conta dos processos de globalização, de suas contradições e limites, de certa forma, se revigoram e se afirmam de modo surpreendente.

As tentativas de homogeneização e de uniformização cultural realizadas pelos modelos *globalitários* com a pretensão de denegação das culturas locais, da diversidade étnico-cultural, como vimos, parece que, em certa medida, estão se desmanchando pelos ares. Na esfera das culturas humanas, os modelos hegemônicos não são absolutos. As brechas de seus limites e contradições potencializam o despontar de novas possibilidades e rumos.

Os processos mercadológicos da voracidade capitalista, com seus mecanismos de dominância, procuram, muitas vezes, absorver as expressões dessas tradições culturais sertânicas e reduzi-las a meros produtos de consumo desqualificando a fecundez de suas formas e conteúdos originários. Porém, se expandem e se fortalecem as experiências que apontam para uma outra vertente, que resistem e desafiam inventivamente as correntes uniformizadoras do consumismo.

Nos últimos anos, o fenômeno do renascimento através do fortalecimento e da revitalização das culturas locais, das chamadas culturas regionais ou de raiz, tem se expandido em proporções expressivas em seus fluxos de afirmação, de renascimento e de renovação.

Como pontuei anteriormente, em sentido geral, são inúmeros os projetos e movimentos encampados nas mais diversas frentes por algumas instituições públicas, ONGs, grupos e comunidades que têm desenvolvido atividades e ações múltiplas pelos Sertões. Na zona rural, em pequenas e grandes cidades, nos rincões mais diversos, são incrementadas Semanas de Cultura, Festivais de Cultura e Arte, Semanas de Folclore, Festas da Cultura popular, Celebrações e eventos diversos com a perspectiva de realçar, afirmar e revigorar as expressões dessas tradições culturais enraizadas no chão de nossa história, nos cafundós do imaginário mitopoético, da vida cotidiana dessa gente.

Considerando que aquilo que está visceralmente entranhado no âmago do coração e da alma dos indivíduos não perece com facilidade, os símbolos mitopoéticos dessas tradições culturais (Bumba-meu-boi, Cantiga de Roda, Reisado, São João etc.) enfrentam intempéries, flutuações e desafios, mas, de modo geral, não morrem; se renovam e se revigoram, se desdobram e se ressignificam nos fluxos do dinamismo, da plasticidade e das mutações que caracterizam as culturas. Há anos acompanhamos e desenvolvemos diversos projetos e atividades que vislumbram esse propósito e é significativo o ritmo com que esses fenômenos estão acontecendo, com seus limites e possibilidades.

Fuxico: estampas mestiças de sertania

A imagem do Fuxico, bastante presente nos vários rincões dos Sertões, em sua composição originária como teia formada por retalhos de tecidos entrelaçados com sua estamparia multicolor, se configura numa metáfora que revela a vivacidade mestiça da cultura dos povos sertânicos. Os matizes da teia do Fuxico representam a policromia, a diversidade de tons da vida cotidiana dessa gente, da mobilidade intensiva de suas sagas; traduz a trama das inter-relações dialógicas, o dinamismo dos entrelaces, das trocas e partilhas presentes na urdidura das tradições culturais dos Sertões. Tradições culturais que se constituem mediante os processos de hibridação intercultural que se compõem desde as fontes ancestrais ameríndias, africanas e européias, em seus processos dinâmicos de fricção, de interpenetração e de complementação; de deglutição antropofágica que inspira e faz partejar, de modo redivivo, novas formas e conteúdos culturais.

As imagens do Fuxico, em suas modalidades diversificadas de expressão, tomam contornos míticos, mitopoéticos ao penetrarem no inconsciente coletivo, nos imaginários dessa gente sertaneja traduzindo o entramado de seus sentires e crenças, de sua sensibilidade poética. Essas imagens fuxiqueiras que configuram a metáfora do Fuxico plasmam e revelam o estado de sertania na tecedura de seus entrelaces, na textura de seus relevos e na policromia de suas estampas.

Sertania pode ser compreendida como o estado d'alma do Sertão, como expressão simbólica das crenças e valores, dos sentires e cosmovisões que configuram o imaginário dos povos sertânicos; como o descortinar de seus modos próprios de trançar e de colorir suas sagas; como o rendar intensivo de suas labutas e agruras. Sertania como expressão simbólica da teia multicolor do fuxico que estampa e dá vivacidade às vidas desses povos.

O horizonte da sertania verseja as imagens retorcidas e toscas dos garranchos que, com sua espinheza agreste, provoca ranhuras, mas, também verseja a maciez e a singeleza da cantiga do sabiá que encanteia essas paragens qual canto inefável de lua cheia, de luar do Sertão.

Os arcos da sertania se derramam em feixes de encantação nas flamas crepusculares de cada entardecer e de cada amanhecer. Sertania revela o Sertão amanhecendo, o sussurro dos rumores do mormaço suarento, o eco silente das funduras do chão, o rasgo dolente dos mandacarus que rebentam na terneza de sua floração. Sertania traduz o trançado do sol calcinante com a doçura da lua cheia, da secura inclemente das estiagens e da contenteza

vadia das folias de São João. Traduz os lampejos da coragem lampiônica, da irreverência de Lampião; um estado d’alma que nos conduz à terceira margem do mundo, aos Sentidos primordiais de nosso ser-sendo-com.

Em cada região ou localidade, nos cafundós mais recônditos desses confins sertânicos, a multiplicidade de formas e de Sentidos é intensa e abundante, desde a diversidade geográfica, histórica e religiosa – considerando as proximidades e similaridades –, às mais variadas expressões culturais, com sua pujança ritualística, nas quais os sertanejos celebram a vida, afirmando-a e renovando-a continuamente. Essa multiplicidade de estampas que se traduzem na imagem do Fuxico, re-vela a diversidade de valores e de sentimentos, de significados e Sentidos que constituem o manancial precioso e vigoroso – o *húmus* – de sabenças e sabedorias que perfazem as cosmovisões sertânicas norteadoras da vida vivida/vivente desse povo “cabra da peste”. Povo que renda suas histórias e estórias nas sagas bandoleiras de suas façanhas e pelejas.

Essas sagas, bem como as cantigas e danças de roda traduzem, de modo singular, a metáfora do Fuxico ao descortinar as junturas dos entrelaces em que as diferenças de cores, de olhares, de jeitos, de amores, de costumes, também de desamores e de desolhares, podem dar as mãos e se abraçar no compartilhar fra-terno da generosidade, da simpatia, do coração despojado; representam os ritmos dos ritos e ciclos da vida em seus fluxos de renovação; fazem vibrar os sentimentos e o espírito de sinergia e de fraternização. As rodas enredam as rotações do viver, suas veredas curvas e suas mutações constantes; seus feixes de encantação, desencantação e de reencantação.

Assim, nas mais variadas ações de seu cotidiano, os sertanejos travam suas lides, capinam suas terras, bordam suas folias, desbordam suas histórias, tecendo e entretecendo, na urdidura das teias dos Fuxicos em que costuram e entrelaçam suas sagas, em seu enraizamento dinâmico.

A metáfora do Fuxico pode ser concebida como um símbolo mitopoético ao penetrar nas dimensões fundas do inconsciente e do imaginário dos sertanejos e, assim, traduzir imagens multicores, os tons que estampam seus sentimentos, desejos e modos de vida; os entrelaces que revelam seus vínculos afetivos e existenciais, o espírito de amizade e de solidariedade. A imagem da metáfora do Fuxico, como teia de bordados e de tranças rendados por mãos tarimbadas e engenhosas, com o primor da sensibilidade e da inventividade dessa gente que renda a vida lavrando o seio da terra, entrelaça sonhos e utopias impregnados no corpo e na alma; urde a dinâmica coexistencial e in-tensiva das

relações interculturais; estampa a rede híbrida das tradições culturais desse povo sertânico; desborda os ritos *animados* de celebração e de encantamento.

**Tradições culturais e interculturalidade no educar:
por uma *Pedagogia do Fuxico***

As práticas educativas instituídas em nossa sociedade se configuram pela predominância dos modelos instrucionais que as reduzem a ritos mecânicos e funcionais de formação para os papéis e funções sociais. Esses ritos são lastreados nas lógicas monológicas e instrumentais que privilegiam as posturas e procedimentos técnicos e os ditames da quantitatividade do ter, em detrimento das esferas da qualitatividade do ser, dos valores humanos primordiais. A supremacia dessas lógicas incide em processos de fragmentação e de separação entre saberes e culturas, entre os próprios seres humanos em que prevalecem as posturas individualistas e de competição que tanto barbarizam.

Concebo o educar, em sua acepção vasta e funda, como um “rito de iniciação” que conduz os seres humanos a processos de aprendizagens e de co-aprendizagens dos valores e Sentidos humanos primordiais que traduzem os saberes e sentires, os mananciais de sabedorias dos diversos povos da humanidade (ARAÚJO, 2009). Assim, educar como processos in-tensivos que nos mobilizam de modo prenante (corpo) e anímico (alma) nas buscas do ser-sendo-com-os-outros. Processos que acontecem mediante as encruzilhadas em que se entrelaçam valores e crenças, saberes e sentires que configuram a singularidade e a diversidade cultural de seus protagonistas.

O educar, nesse rumo, precisa ser adubado e nutrido nos núcleos das culturas vividas pelos indivíduos, nas fontes do *ethos* (sentires, valores, crenças...) de seus grupos e comunidades para que possa contribuir, com intensidade e fecundez, nos processos de afirmação das singularidades, da identidade e da diversidade cultural, de formação da sensibilidade crítico-criadora, da imaginação criante, no cuidado com os valores humanos sedimentados nas fontes das sabedorias ancestrais. Esses processos, impulsionados pelo dinamismo da imagem metafórica do Fuxico, incidem na afirmação e no fortalecimento dos símbolos mitopoéticos que entrelaçam as expressões do mítico e do poético que configuram as identidades e diversidades culturais de cada povo. Podem contribuir na abertura dialógica para com as diferenças na promoção de relações in-tensivas de

interligação entre a multiplicidade das formas de expressão das diversas tradições, dos repertórios das culturas mediante o descortinar de relações interculturais.

Os matizes e a textura da teia do Fuxico, como vimos, traduzem a diversidade dos tons e formas que compõem o cotidiano dos povos sertânicos; a trama das interligações que dinamiza as trocas no partilhar de seus valores, sentires e crenças. Estruturam os entrecruzamentos entre as diversas matrizes culturais que perfazem essas tradições nas intensidades de seus processos de afirmação e de renovação.

Nesse horizonte, o educar se constitui como um território híbrido, plasmado de unidade e de multiplicidade; como uma encruzilhada em que se entrecruzam, intensivamente, os repertórios simbólicos das tradições culturais de seus protagonistas constituídas de identidades móveis, do dinamismo de suas diversidades, do vigor de seus Sentidos. Território configurado como um entre-lugar que, assim, potencializa interligações dialógicas, mediante os desafios de seus fluxos tensoriais que podem implicar em modos de condução – pedagogias – de saberes e sentires que incidem em relações de co-aprendências que enriquecem, sinergizam e solidarizam.

Assim, as ações de educar podem se instalar desde uma *Pedagogia do Fuxico*, no descortinar desses entre-lugares, potencializando encontros mestiços através de processos de compartilhamento e de cooperação entre os humanos mediante a afirmação e a renovação das singularidades e das diferenças, dos tons comuns das semelhanças que nos compõem; em que as singularidades de cada diferença podem proporcionar a dis-posição dos espíritos e corações para envidar relações in-tensivas que impulsionam a celebração da diversidade de saberes e sentires mediante a compreensão do dinamismo da metáfora da roda que gira e entrelaça, na plasticidade das estampas policrômicas dos símbolos das tradições culturais.

A presença multicolor das diversas manifestações das tradições culturais na ação de educar, além da possibilidade de contribuir no processo de afirmação dos símbolos que caracterizam a identidade e a diversidade cultural dos indivíduos e grupos, de fomentar as relações interculturais, também pode proporcionar o enredar de práticas educativas imbuídas da vivacidade e do dinamismo que compõem a plasticidade destas na intensidade dos fluxos que mobilizam o corpo e a alma de seus protagonistas. Assim, o vicejar das expressões das danças, das cantigas, das linguagens poéticas, dos estandartes, dos ritos de celebração da vida, como expressões singulares que *animam* as sagas do viver cotidiano dos diversos povos, infunde mais prazer, vitalidade e encantação ao cotidiano do educar.

As expressões das tradições culturais na cotidianidade das ações educativas configuradas no entrelace do Fuxico, numa Pedagogia do Fuxico, potencializam o suscitar da imaginação criante, do imaginário mitopoético de educandos e educadores através da plasticidade das estampas e das configurações de suas imagens e símbolos; proporcionam a fruição de saberes e sentires imbuídos de sabor e gosto mediante o vigor dos repertórios que revelam formas e conteúdos encharcados com as intensidades da cultura vivida e com o dinamismo rítmico de suas curvas e movimentos; engravidam processos de invenção e de reinvenção que, inspirados nesses mananciais da tradição, implicam em revitalização, renovação e expansão dos sentires, crenças e sabenças que robustecem o existir e o co-existir humanos; expandem a sensibilidade e a consciência dos protagonistas do educar.

A maioria das manifestações presentes no cotidiano das comunidades e grupos é realizada em forma de roda, revelando, desse modo, como as sabedorias que daí emanam podem proporcionar o aprendizado do compartilhamento dos valores primordiais (solidariedade, generosidade, dignidade, beleza, amorosidade...), de sentimentos que nos entrelaçam e enobrecem. São vivências sorvidas com intensidade, marcadas pela força, pela contenteza e pela abertura do espírito e do coração que implicam em formas de aproximação dos indivíduos das diversas tradições mediante as trocas de energias (sinergias) que vivificam os rituais de celebração e de re-encantação da vida.

O educar intercultural (FLEURY, 2003) se lastreia nas lógicas da inclusividade que primam pelas relações in-tensivas de interligação entre os diversos mediante os desafios da conflitividade inerente ao dinamismo dos fluxos tensoriais que perfazem as relações/inter-relações humanas. Desafios que implicam em atitudes de dis-posição de espírito e de coração para que sejam envidados processos dialógicos de trocas e compartilhamentos entre as diferenças. Processos que potencializam enriquecimentos e expansões mútuas através das teias híbridas de sinergização e de fraternização; de ações imbuídas de altruísmo.

Assim, um educar que implica nos processos de afirmação e de renovação dos valores e dos sentires que dão Sentido e encantamento à vida de seus protagonistas e que pode contribuir expressivamente nos processos de afirmação e de fortalecimento das identidades e diversidades culturais, no entrecruzar das relações interculturais envidando o senso de pertencimento local e de co-pertencimento planetário.

As manifestações das tradições culturais dos Sertões, traduzidas na metáfora do Fuxico, que se revelam com suas expressões multicores, imbuídas de vivacidade e enraizadas de forma profunda na cepa das sagas de sua gente, são marcadas pelo vigor de

sua dinamicidade e pelo espírito ativo de seus protagonistas através da plasticidade de suas formas e conteúdos. Assim, se configuram como fontes bastante fecundas que podem inspirar e nutrir a cotidianidade das ações do educar no contexto dos Sertões.

Nessa perspectiva, os acervos das tradições culturais desses rincões sertânicos se constituem como fontes primordiais que devem inspirar e dar cromaticidade às ações do educar nesses contextos realçando nos indivíduos o senso de pertencimento a um grupo, a uma comunidade, na contextualidade das manifestações que perfazem o cotidiano desses povos.

A presença vivificadora
da cultura viva na Educação
dá mais sabor aos saberes
afirma e renova a tradição.

A escola quando se nutre
no *ethos* fecundo da tradição
enriquece formas e conteúdos
ao aprendizado dá encantação.

A inserção das expressões das tradições culturais dos Sertões, configuradas na Pedagogia do Fuxico, no cotidiano das ações educativas (aulas, eventos diversos), em suas diversas modalidades, pode ocorrer de múltiplas formas. As Cantigas de Roda, os versos de Cordel, elementos do Bumba-meu-boi, do Reisado etc. podem ser incorporados contextualmente em vários momentos (início, meio, fim...) das atividades educacionais tornando estas mais fecundas e contextualizadas na vivacidade dos repertórios da cultura vivida/vivente de seus protagonistas contribuindo, assim, na afirmação dos símbolos culturais dessas tradições.

Destarte, em quaisquer matérias ou disciplinas e demais ações educativas nessas searas sertânicas, a articulação das formas e conteúdos dos processos de ensinância e de aprendizagem pode ocorrer através da incorporação dessas manifestações culturais (linguagem do cordel, das Cantigas de roda, das celebrações de São João etc.) que supõe a presença da música, da dança, dos versos (poesia). Nesse rumo, os próprios conteúdos de cada matéria/disciplina podem ser mobilizados e redimensionados, de forma sensível e criativa, inspirando a imaginação criante, a sensibilidade poética, o espírito crítico e inventivo de educandos e educadores, ao mesmo tempo em que estes conteúdos passam a ter carnalidade e são melhor compreendidos pois passam a ser ruminados e vivenciados, atravessando por dentro dos sentidos perceptivos de cada um. Desse modo, conteúdos e formas apresentam mais gosto e Sentido para o viver cotidiano dos indivíduos. Inspirados no dinamismo e na vivacidade dos símbolos das tradições culturais, educandos e educadores podem criar e recriar, com espíritosidade, saberes e sentires, reinventar

formas e conteúdos, na fruição de saberes eivados de sabor e encarnados nas intensidades das proezas do viver, de modo prazenteiro e expansivo.

A organização de eventos culturais (Semanas de Cultura, de Folclore etc.), das celebrações do São João etc. nas escolas pode mobilizar a participação de educandos, educadores e comunidade do entorno mediante a expressão da plasticidade de suas manifestações culturais. Essas ações, como momentos intensos de celebração da vida, se bem conduzidas, potencializam o advento dos laços de compartilhamento de seus valores, sentires e crenças, conduzindo ao fortalecimento das subjetividades e das intersubjetividades, do senso de pertencimento a uma comunidade e de co-pertencimento ao mundo mais amplo.

A incrementação, nas atividades educativas, de experiências vivenciais em que o corpo e o espírito celebram a vida através das diversas manifestações culturais, das brincadeiras populares, fomenta os laços de afetividade, de solidariedade e de amorosidade; o compartilhamento do estar-juntos no descortinar da interculturalidade.

Desse modo, essas expressões, com suas dimensões educativas e suas tonalidades singulares, tocam nas disposições sensíveis e espirituais do humano podendo suscitar o compartilhamento dos valores e Sentidos primordiais que plasmam a condição humana.

Em muitas circunstâncias, como nas comemorações das Semanas de Folclore nas escolas, há tendências e posturas que abordam essas manifestações culturais de forma superficial como mero espetáculo ornamental desprovido da expressividade de seus conteúdos contextuais. Nessas comemorações, essas manifestações são consideradas meramente como artefatos folclóricos traduzindo uma visão de Folclore como expressão de repertórios culturais caracterizados estaticamente, desvinculados do contexto vivo das culturas e da história dos indivíduos em seus grupos e comunidades. Muitas vezes, essas ações tomam contornos grosseiros que ridicularizam as expressões singulares desses grupos e comunidades.

Essas concepções e posturas são marcadas por preconceitos e por visões descontextualizadas e mecânicas que carecem de investigações e de compreensões mais cuidadosas e aprofundadas acerca dos significados e Sentidos das expressões dessas tradições culturais, das intensidades de suas manifestações cotidianas, dos contextos sócio-culturais em que estão imersas.

As características lúdicas das manifestações dessas tradições populares também são bastante relevantes nas práticas educativas na proporção em que fomentam o espírito brincante podendo, assim, propiciar aos indivíduos experiências que expandem o senso de

humor e de desprendimento, de flexibilidade e de abertura; que podem torná-los mais graciosos. As proezas do lúdico suscitam o espírito de aventura e de inventividade, o compartilhamento das emoções e dos sentimentos. Conduzem à fruição dos momentos preciosos de prazer e de alegria; estimulam e fortalecem a auto-estima, os laços de afetividade e de fraternização.

A presença dos tesouros que constituem as manifestações das tradições culturais dos Sertões, traduzidas na Pedagogia do Fuxico, pode proporcionar à ação de educar momentos intensos de iniciação às sabenças e sabedorias humanas impregnadas nos mananciais dessas tradições. Dessa forma, podemos articular uma ação de educar teórica e vivencial, que envolve, de forma interligada, o corpo (o pregnante) e a alma (o anímico), em que os saberes e sentires nos atravessam por dentro, nos mobilizam por inteiro através da fruição dos Sentidos que fazem desbordar o bem e o belo, a dignidade e a boniteza da condição humana na singularidade de cada contexto cultural.

Nesse horizonte de compreensão e de vivenciação do educar, nos quadrantes de seus entre-lugares, tanto nos Sertões como em outros territórios humanos, urge o alvorecer de uma Pedagogia do Fuxico que proporciona processos de ensinanças e de aprendizagens ao conduzir aos compassos das co-aprendências (em que nos aprendemos uns com os outros) inspiradas e nutridas na fecundez das estampas e do vigor dos repertórios de pensares e sentires de cada povo. Processos que se instalam mediante os fluxos de compartilhamentos das fontes das sabedorias que configuram os valores e Sentidos primordiais que fecundam as vidas de seus protagonistas e que constituem a expressividade dos repertórios de suas tradições culturais.

Uma Pedagogia do Fuxico que se traduz na fruição do cavucar, do rendar e do entretecer os símbolos mitopoéticos das tradições culturais com a força dos Sentidos que as vicejam e que animam as sagas dos povos nas in-tensidades de seu viver cotidiano. Uma Pedagogia que, como a configuração do Fuxico, apresenta aberturas para os entrelaces interculturais com os repertórios de outras tradições culturais; que realça o dinamismo e a vivacidade dos modos de ser e de estar sendo no mundo com os outros de cada povo, de seu espírito altivo, impulsionando aos desafios e labutas que compõem suas sagas. Que afirma e fortalece o existir e o co-existir de cada povo como protagonista de seus próprios destinos, abertos para as trocas que os complementam e enriquecem mediante as relações intra e interculturais.

Portanto, um educar intercultural configurado por uma Pedagogia do Fuxico pode incidir em processos in-tensivos de interligação e de compartilhamento entre a diversidade

dos grupos e das culturas na afirmação dos valores humanos primordiais que robustecem cada povo, da altivez de nosso ser-sendo-com-os-outros, de nosso co-pertencimento planetário.

O vigor das tradições culturais
que animam as sagas dos Sertões
se traduz na metáfora do Fuxico
com seus entrelaces e estampações
robustece a identidade cultural
nos abre para as interligações
dá mais Sentidos às nossas vidas
e traz vivacidade às educações.

Referências

- ARAÚJO, Miguel Almir Lima de. *Os Sentidos da Sensibilidade: sua fruição no fenômeno do educar*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- ARAÚJO, Miguel Almir L. de. *Laços de encruzilhada: ensaios transdisciplinares*. Feira de Santana: UEFS, 2001.
- ASSARÉ, Patativa do. *Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- BERNARD, François de. Por uma redefinição do conceito de diversidade cultural. In:
- BRANT, Leonardo. *Diversidade cultural: globalização e culturas locais – dimensões, efeitos e perspectivas*. São Paulo: Escrituras Ed.: Instituto Pensarte, 2005.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas*. São Paulo: EDUSP, 2008.
- FLEURI, Reinaldo Matias. *Educação intercultural: mediações necessárias*. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.
- FORNET-BETANCOURT, Raul. *Transformación intercultural de la Filosofía*. Bilbao: Ed. Desclée de Brouer, 2001.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- MORIN, Edgar. *O método 5: a humanidade da humanidade: a identidade humana*. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- MORIN, Edgar. *Sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1986.

PANIKKAR, Raimon. La interpelación intercultural. In: ARNAIZ, Graciano González R. *El discurso intercultural: prolegómenos a una filosofía intercultural*. Madrid: Biblioteca nueva, 2002.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

VIEIRA, Padre Antonio. *Sertão brabo*. São Paulo: Gráfica Brasileira, 1968.